



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ- REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA – PROEAD - PARFOR/UEPB/CAMPUS IV
CURSO DE PEDAGOGIA**

**DIFERENÇAS ENTRE DISTÚRBIOS E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM**

KATARINA VALESKA FILGUEIRAS RESENDE

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2019

KATARINA VALESKA FILGUEIRAS RESENDE

DIFERENÇAS ENTRE DISTÚRBO E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciado/a em Pedagogia pelo Programa de Formação de professores da Educação Básica – PARFOR/UEPB/CAMPUS IV.
Orientador/a: Prof^a Dr^a Joana Áurea Cordeiro Barbosa

Catolé do Rocha – PB
Junho/2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R433d Resende, Katarina Valeska Filgueiras.
Diferenças entre distúrbios e dificuldades de aprendizagem
[manuscrito] / Katarina Valeska Filgueiras Resende. - 2019.
30 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em
Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade
Estadual da Paraíba, EAD - Catolé do Rocha , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Joana Áurea Cordeiro Barbosa ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Distúrbio de aprendizagem. 2. Dificuldades de
aprendizagem . 3. Inclusão. I. Título

21. ed. CDD 153.15


KATARINA VALESKA FILGUEIRAS RESENDE

**DIFERENÇAS ENTRE DISTÚRBO E DIFICULDADE DE
APRENDIZAGEM**

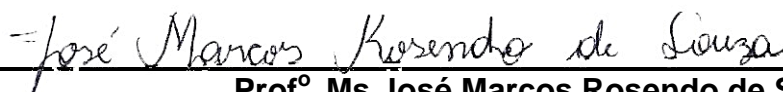
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciado/a em Pedagogia pelo Programa de Formação de professores da Educação Básica – PARFOR/UEPB/CAMPUS IV.

Aprovada em: 07/06/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Ms. Joana Áurea Cordeiro Barbosa
Orientadora – UEPB/CAMPUS IV



Prof^o. Ms José Marcos Rosendo de Souza
Examinadora– UECE/FAFIDAM



Prof^o. Esp. Thalison Breno Alves da Silva
Examinadora- UEPB/CAMPUS IV

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe que sempre me ajudou e incentivou na busca dos melhores resultados tanto na vida profissional como na vida pessoal, ao meu esposo e filhos por toda paciência e compreensão neste final de jornada, obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus nosso criador, a instituição da UEPB, a toda coordenação do PARFOR pelo empenho no decorrer do curso, a todos os professores e em especial a minha orientadora professora Joana Áurea Cordeiro Barbosa pelo auxílio prestado durante a elaboração deste trabalho, por suas dicas sem a qual não atingiria êxito na elaboração do presente trabalho e a todos aqueles que me ajudaram nesta etapa importante da minha vida.

Epígrafe

*“A educação qualquer que seja ela, é
sempre teoria do conhecimento posta em
prática.”
Paulo Freire*

DIFERENÇA ENTRE DISTÚRBBIO E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

KATARINA VALESKA FILGUEIRAS RESENDE

RESUMO

Diante da problemática dos professores e pais em identificar o que é distúrbio e o que é dificuldade de aprendizagem, o presente artigo teve como tema: a diferença entre distúrbio e dificuldade de aprendizagem, conceituando e identificando os principais distúrbios que são: dislexia, discalculia, disgrafia e o TDAH e as formas de dificuldades de aprendizagem. Sabe-se que as crianças não tem o mesmo ritmo de aprendizagem. Diante desse pressuposto em entender essa diferença teve como objetivo geral da pesquisa analisar a diferença entre distúrbios e dificuldades de aprendizagem e os objetivos específicos foram: conceituar dificuldades e distúrbios de aprendizagem; identificar os principais distúrbios e as principais formas de aprendizagem. Abordamos a inclusão e as possibilidades de inclusão das crianças que apresentam déficit de aprendizagem. Para tanto podemos entender que o distúrbio de aprendizagem está relacionado a problemas neurológicos enquanto as dificuldades de aprendizagem podem resultar de vários fatores social, emocional ou psicológico que afetam o indivíduo prejudicando a sua aprendizagem. A escola e o professor são de fundamental importância para as crianças que apresentam as necessidades de aprendizagem para que superem essas dificuldades através de um ambiente favorável e uma metodologia adequada e eficiente, dessa forma conseguindo inseri-las no meio social. Realizamos uma pesquisa bibliográfica. Abordando autores como: Ciasca (2003), Montoan (2003), Smith e Strick (2001), Fonseca (2009) entre outros.

Palavras-chave: Distúrbio de Aprendizagem. Dificuldades de Aprendizagem. Inclusão.

ABSTRACT

In light with the identifying problem of teacher and parents what is disorder and what is learning difficulty, this article had as theme: The difference between disturbance and learning difficulty, giving the concepts and identifying the main disturbances that are: dyslexia, dyscalculia, dysgraphia and ADHD and the forms of learning difficulties. It is known that children do not have the same pace of learning in the face of this presupposition in understanding this difference. Had as general objective of the research to analyze the difference between disorders and learning difficulties and the specific objectives were: to conceptualize difficulties and learning disorders; identify the main disturbances and the main forms of learning. We approached the inclusion and inclusion possibilities of children with learning disabilities. Therefore, we can understand that learning disorder is related to neurological problems while learning difficulties can result from various social, emotional or psychological factors that affect the individual and prejudicing his/her learning. The school and the teacher are extremely important for children who have the learning needs so that they overcome these difficulties through a favorable environment and an adequate and efficient methodology, thus inserting them into the social environment. We carried out a bibliographical research. Addressing authors such as: Ciasca (2003), Montoan (2003), Smith and Strick (2001), Fonseca (2009), among others.

Keywords: Learning disabilities. Learning difficulties. Inclusion

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O QUE É APRENDIZAGEM?	12
3 O QUE É DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM?	14
4 O QUE É DISTÚRBO DE APRENDIZAGEM?	16
4.1 Dislexia.....	18
4.2 Disgrafia	20
4.3 Discalculia.....	21
4.4 TDAH	22
5 O QUE É INCLUSÃO?	23
6 QUAIS AS POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM DISTÚRBIOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM?	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
8 REFERÊNCIAS:	30

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a diferença entre distúrbio de aprendizagem e dificuldade de aprendizagem escolar. Diante da discussão que educadores e pais não conseguem identificar e diferenciar o que é distúrbio e o que é dificuldade de aprendizagem, onde a maioria das crianças que são afetadas com esses problemas às vezes são taxadas de preguiçosas ou mal comportadas, por esse motivo a relevância de trabalhar este tema para que pais e professores conheçam e consigam trabalhar esses alunos para que consigam superar esses problemas.

Em todas as fases de nossa vida passamos pelo processo de aprendizagem, seja através da comunicação social, ou em áreas específicas do cérebro com a intenção de construir conhecimentos sobre temáticas diferentes as quais fazem parte de nossos interesses e da realidade que vivemos. Neste sentido, o ambiente escolar torna-se um local onde ocorrem aprendizagens específicas no tocante ao desenvolvimento humano. Os alunos são submetidos a uma imensa gama de conteúdos sobre os quais precisam pensar e refletir e, a partir disso, serem capazes de construir suas próprias ideias.

No entanto, sabe-se que nem todas as crianças apresentam o mesmo ritmo de aprendizado, umas aprendem mais do que outras e algumas delas não conseguem aprender aquilo que a escola ensina. Existe um dilema na concretização do ensino pelo aluno.

Partindo do pressuposto que existe uma dificuldade em entender a diferença entre distúrbios e dificuldades de aprendizagem, elaboramos as seguintes perguntas: Quais as diferenças entre dificuldades e distúrbios de aprendizagem? Por que determinadas crianças não aprendem? Quais são as possibilidades que essas crianças têm de aprender?

Tais perguntas foram feitas diante da necessidade dos professores, para que tenham alguma forma de compreensão sobre essa problemática já que todos eles vão influenciar no avanço e na melhoria da aprendizagem do aluno. É importante que o pedagogo tenha ciência dessas diferenças, para melhor compreenderem as atividades que estão sendo desenvolvidas por professores, psicólogos e psiquiatra como também a família.

Os educadores precisam lidar com alunos que apresentam os mais diversos históricos. Alguns possuem uma condição socioeconômica desfavorável, outros não

recebem o incentivo correto para o estudo em casa e há os que apresentam problemas de fundo biológico.

Fonseca (2004, apud ALGURES, 1984) define a Dificuldade de Aprendizagem “como um conjunto heterogêneo de desordens, perturbações, transtornos, incapacidades ou outras expressões de significado similar ou próximo, manifestando dificuldades significativas, e ou específicas, no processo de aprendizagem verbal, isto é, na aquisição, integração e expressão de uma ou mais das seguintes habilidades simbólicas: compreensão auditiva, fala, leitura, escrita e cálculo”.

É necessário diferenciarmos os termos dificuldade de aprendizagem e distúrbio de aprendizagem. Para Cisca (2006, p.238) o Distúrbio de Aprendizagem é “uma disfunção do sistema nervoso central, portanto, um problema neurológico relacionado a uma falha na aquisição, no processamento ou, ainda, no armazenamento da informação, envolvendo áreas e circuitos neuronais específicos, em determinado momento do desenvolvimento”.

Em meio a esta discussão, o objetivo Geral da pesquisa é analisar a diferença entre distúrbios e dificuldades de aprendizagem. Os objetivos específicos são: conceituar dificuldades e distúrbios de aprendizagem; identificar os principais distúrbios e as principais formas de dificuldades de aprendizagem na escola e por fim, reconhecer os processos de inclusão das crianças com distúrbios e dificuldades de aprendizagem.

Sendo assim, a pesquisa realizada tem abordagem estritamente bibliográfica, que, de acordo com Sá-Silva; Almeida e Guindani (2009) é um trabalho investigativo que utiliza os princípios da pesquisa bibliográfica, tendo como material de apoio investigativo livros e artigos que enfocam o tema estudado.

O trabalho apresenta cinco tópicos o primeiro aborda o conceito de aprendizagem, o segundo tópico o conceito de dificuldade de aprendizagem, o terceiro tópico o conceito de distúrbio de aprendizagem apresentando os principais distúrbios, o quinto tópico o conceito de inclusão e o sexto tópico as possibilidades de inclusão das crianças com dificuldades e distúrbios de aprendizagem.

2 O QUE É APRENDIZAGEM?

Segundo a educadora Amélia Hamze (2010), aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. Portanto aprendizagem é a transformação das experiências e interações vividas pelo sujeito no seu meio, podendo ser entendida como aquisição de conhecimentos, habilidades, valores, informações adquiridas através do ensino.

A visão da educação sobre o prisma da aprendizagem simboliza o conhecimento como cooperação, criatividade, criticidade, como também a liberdade e a coragem para transformar o aprendiz em sujeito protagonista da sua aprendizagem.

Já na perspectiva neurológica, a aprendizagem é um processo complexo, dinâmico e bilateral, evolutivo e constante que implica numa sequência de modificações observáveis e reais no comportamento do indivíduo de forma global-físico e biológico e no meio que o rodeia induzindo a uma nova postura comprometida com novas formas de conhecimento (Ciasca, 2003).

Na escola, o processo de aprendizagem exige postura, prontidão e maturação. A presença dos pré-requisitos do desenvolvimento infantil como pano de fundo para dar suporte maturacional para a aquisição adequada dos conteúdos e a necessidade de integridade dos sistemas sensoriais, perspectivos, atencionais e mnemônicos para absorção e reserva de conteúdos em sequência são fundamentais. (Ciasca, 2003).

Aprendizagem escolar depende da construção de diversas etapas como a memorização sequencial, sem a presença de todos esses fatores o processo será incompleto.

Dessa forma, vários fatores interferem no processo da aprendizagem escolar para que ela seja prejudicada ou integral. Os fatores que podem influenciar a aprendizagem escolar são as psicoemocionais, socioculturais e neurológicos. Os fatores psicoemocionais são aqueles relacionados com institucionalização, depressão materna, pós-parto, má condução afetiva pelo cuidador, abandono, maus tratos, etc. Os fatores socioculturais são aqueles relacionados com baixa renda, baixo nível sócio escolar da família, desinteresse familiar pelos estudos, dificuldade com regras e rotinas, ambiente desorganizado, valores culturais díspares da cultura intelectual, etc.

Já os fatores neurológicos podem ser oriundos de fatores tanto genéticos como ambientais e podem começar a influenciar o desenvolvimento da criança desde sua concepção na fecundação (CIASCA, 2003; FONSECA, 1995).

A verdadeira aprendizagem acontece quando os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos e, a partir dessa reconstrução, tornam-se autônomos, emancipados, questionadores, inacabados. “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996,p.26). Dessa forma, o educando se torna sujeito do processo de aprendizagem ao lado do educador.

De acordo com Piaget, a aprendizagem só tem sentido diante de situações de mudanças, ou seja, aprender é em parte saber se adaptar a essas transformações. A teoria de Piaget explica a dinâmica de adaptação através dos processos de assimilação e acomodação. Nessa perspectiva, Piaget (2011) esclarece:

Levando em conta, então, esta interação fundamental entre fatores internos e externos, toda conduta é uma assimilação do dado a esquemas anteriores (assimilação a esquemas hereditários em graus diversos de profundidade) e toda conduta é ao mesmo tempo acomodação destes esquemas a situação atual. Daí resulta que a teoria do desenvolvimento apela, necessariamente, para a noção de equilíbrio entre fatores internos e externos ou, mais em geral entre a assimilação e acomodação (PIAGET, 2011, p.89).

Para Piaget, assimilação e acomodação interagem mutuamente em um processo de equilíbrio, ou seja, é um processo regulador que conduz a relação entre assimilação e acomodação .Dessa forma, assimilação e acomodação são dois processos constantes do desenvolvimento cognitivo.

Para Vygotsky, a aprendizagem acontece bem antes da criança frequentar a escola, acontece desde o nascimento, quando interage com o meio social, ou seja, aprendizagem é contínua e está relacionada com o desenvolvimento humano. Por isso a importância das relações socioculturais no processo intelectual da criança. Para explicar a teoria de aprendizagem, Vygotsky desenvolveu os conceitos de desenvolvimento real que é referente às conquistas consolidadas das crianças, é tudo que conseguem realizar sem ajuda de um adulto, no desenvolvimento proximal, a criança precisa de um apoio, ou seja, para realizar suas atividades com um auxílio do

mediador. Portanto, Vygotsky afirma que “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã”. (VYGOTSKY. 1984. p. 98). A zona do desenvolvimento proximal é importante, pois permite avaliar o desenvolvimento e elaborar estratégias para evolução do aprendizado da criança. Esta zona é cooperativa, pois, o mediador que está próximo ajuda a criança a consolidar o desenvolvimento real.

Percebemos que a aprendizagem se encontra em diversos meios natural, social e cultural, como também em vários fatores internos e externos de natureza biológica e psicológica por esse motivo é complexa, sendo um processo e produto inacabado. O maior responsável pelo controle da aprendizagem é o sujeito que é capaz de pensar e refletir com autonomia, compreendendo e intervindo sobre os conhecimentos obtidos ao longo da vida.

3 O QUE É DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM?

Dificuldade de aprendizagem é um assunto que vem sendo bastante discutido pelos educadores e profissionais da educação, pelo motivo dos altos índices de reprovação, o baixo desempenho e rendimento escolar. Para Smith e Strick (2011), dificuldade de aprendizagem, são problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações.

A dificuldade de aprendizagem está relacionada a vários problemas que podem afetar a vida dos alunos no ato de aprender, que pode ser a mudança de escola, separação dos pais, nascimento de um irmão, problemas de saúde, entre outros, pode ser de cunho emocional ou social.

Essas dificuldades em muitos casos passam despercebidas tanto pelos educadores como também pelos próprios pais sendo às vezes confundida com desmotivação, desinteresse ou falta de coragem das crianças.

Smith e Strick (2001) esclarecem:

“Na realidade, as dificuldades de aprendizagem são normalmente tão sutis que essas crianças não parecem ter problema algum. Muitas crianças com dificuldade de aprendizagem têm inteligência na faixa da média ou superior, e o que em geral é mais óbvio nelas é que são capazes (mesmo que excepcionalmente) em algumas áreas. Alguns outros comportamentos problemáticos em geral observados em pessoas jovens com dificuldade de aprendizagem são os seguintes:

fraco alcance de atenção, dificuldade para seguir instruções, imaturidade social, dificuldade com a conversação, inflexibilidade, fraco planejamento e habilidades organizacionais, distração, falta de destreza e falta de controle dos impulsos.” (SMITH E STRICK 2001, p. 15 e 16).

Segundo Martin e Marchesi (1996) a dificuldade de aprendizagem é resultante dos múltiplos fatores que atingem a população humana e se apresenta de forma heterogênea. Dessa forma, podem ser encontrados dentro da categoria de aprendizagem alunos com: problemas situacionais de aprendizagem (apresentando algum comprometimento em algumas circunstâncias e não em outras), problemas de comportamento, emocionais e de comunicação (distúrbio da fala e da linguagem), problemas físicos, da visão, da audição, ou múltiplos (envolvendo mais de um problema).

Roeser e Eccles (2000) sugerem que as dificuldades comportamentais e emocionais, influenciam problemas acadêmicos e estes afetam os sentimentos e os comportamentos das crianças. Tais dificuldades podem expressar-se de forma internalizada ou externalizada. As crianças que apresentam baixo desempenho escolar, na maioria das vezes demonstram sentimentos de vergonha, baixo estima, agressividade, frustração, caracterizando problemas emocionais e comportamentais.

Segundo Barbosa (2006) apud Padilha (2012), As dificuldades de aprendizagem podem ser consideradas quando houver problemas na emissão da informação, integração, ou recepção da mesma, ou quando houver dificuldade de memória.

São consideradas dificuldades de aprendizagem as perturbações que afetam a normalidade do processo de ensino como o baixo nível intelectual, o que não permite ao educando sua plenitude nas possibilidades apresentadas. Algumas dificuldades são superadas em um determinado período com ajuda dos educadores e dos pais. Em outros casos o problema pode se prolongar, tornando-se permanente por isso, a importância da compreensão deles em relação aos problemas existentes.

O fracasso da aprendizagem escolar acontece por diversos fatores que podem ser orgânicos ou familiares. É necessária uma intervenção de uma equipe multidisciplinar de profissionais relacionados à educação e a saúde como professores, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos entre outros profissionais para realização de diagnósticos como também a ajuda da família nestes casos. As

dificuldades de aprendizagem por estar relacionadas a questões psicopedagógicas devem ser solucionadas no ambiente escolar.

Portanto, a dificuldade de aprendizagem pode acontecer por diversos fatores como: métodos pedagógicos, (a metodologia utilizada pela professora), antipatia, relações pessoais e sociais, relacionados ao contexto de vida do próprio aluno. Ou seja, o aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem possui outras maneiras para aprender, por causa desta barreira que pode ser cognitiva, emocional e cultural.

4 O QUE É DISTÚRPIO DE APRENDIZAGEM?

Atualmente existe uma ambiguidade em relação à concepção de dificuldade de aprendizagem e distúrbios de aprendizagem, pela interpretação incorreta que muitas vezes existe na literatura entre distúrbios de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem, por isso a necessidade de conceituá-las e diferenciá-las.

Comenta Novaes (2007) que, atualmente, os Transtornos da Aprendizagem originam-se a partir de distúrbios na interligação de informações em várias regiões do cérebro, os quais podem surgir durante o período de gestação. O desenvolvimento cerebral anormal do feto facilita o surgimento de um quadro de Transtorno da Aprendizagem que, possivelmente, só será identificado quando a criança necessitar expressar suas habilidades intelectuais na fase escolar.

Para Ciasca (1991), distúrbio de aprendizagem é como uma perturbação no ato de aprender, isto é, uma modificação dos padrões de aquisição, assimilação e transformação, sejam por vias internas ou externas do indivíduo. O autor ainda complementa que distúrbio de aprendizagem é uma disfunção do sistema nervoso central relacionado a uma “falha” no processo de aquisição ou do desenvolvimento, tendo, portanto, caráter funcional.

Desta forma, um distúrbio não determina uma deficiência, mas sim uma perturbação durante o processo, na aquisição e armazenamento de informações e na habilidade de resolução de problemas.

Ciasca (2004) explica:

Diferentemente de dificuldade escolar que está relacionada especificamente a um problema de ordem e origem pedagógica, um distúrbio de aprendizagem envolve situações orgânicas que impedem o indivíduo de aprender, e dificuldade escolar, pode estar relacionada

a fatores internos que se somam aos fatores ambientais, como, por exemplo, fatores emocionais, familiares, sociais, motivacionais, relação professor-aluno, programas escolares inadequados e outros (CIASCA, 2004, p. 19-31)

A ideia de distúrbio de aprendizagem foi introduzida no Brasil por Lefèvre (1975), como sendo:

Uma síndrome que se refere à criança de inteligência próxima à média ou superior a média, com problemas de aprendizagem e/ou certos distúrbios do comportamento de grau leve a severo, associados a discretos desvios de funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC), que podem ser caracterizados por várias combinações de déficit na percepção, conceituação, linguagem, memória, atenção e na função motora (LEFÈVRE, 1975, p.123).

Sendo assim, as crianças que apresentam distúrbios de aprendizagem são capazes de aprender, pois estes distúrbios podem ser superados através de métodos de ensino adequados, pela atenção e maturidade.

Segundo Ciasca (2003), esses distúrbios relacionados ao aprender são muito mais frequentes em meninos do que em meninas, na proporção de 6 por 1. A explicação é que nos meninos existem menos microgiros no cérebro do que nas meninas, essas crianças receberiam dos pais a dificuldade em aprender, e em virtude de maiores habilidades demonstradas pelas meninas em provas neuropsicológicas relacionadas à coordenação motora fina e nas provas de ordem verbal e nas características de aquisição da linguagem.

De acordo com o CID (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), os distúrbios de aprendizagem estão dentro da categoria de Transtornos Específicos do Desenvolvimento das Habilidades Escolares.

Segundo o neuropediatra Dr. Clay Brites e a psicopedagoga Luciana Brites, as crianças que têm distúrbios de aprendizagem, não apresentam um desempenho compatível com sua idade, apresentam discrepância entre seu desempenho e sua habilidade intelectual em uma ou mais das seguintes áreas, expressão oral e escrita, compreensão, cálculo e raciocínio matemático.

Então, as crianças que apresentam distúrbio de aprendizagem geralmente têm dificuldade de expressar-se de forma oral ou pela escrita, como também em construir seus raciocínios, na interpretação, na assimilação, na percepção e em armazenar informações. O distúrbio de aprendizagem é caracterizado pelo déficit da

atividade escolar, que se manifesta por dificuldades específicas e uso das habilidades de audição, fala, leitura, escrita e raciocínio-matemático, as mais conhecidas são: dislexia, disgrafia, discalculia e TDAH.

4.1 Dislexia

Segundo Coelho (S/D) a palavra Dislexia significa “dis” (desvio),” lexia” (leitura, reconhecimento das palavras).

É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam tipicamente de um déficit no componente fonológico da linguagem que é frequentemente imprevisto em relação a outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que podem impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais. (ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE DISLEXIA, 2003, apud TELES, 2009).

De acordo com AID (2004) (Dyslexic International Association), dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica, que se caracteriza pela dificuldade na leitura e pela habilidade de decodificação e soletração, que resultam no déficit no campo fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas, consideradas na faixa etária.

A dislexia é um distúrbio que na maioria das vezes arremete mais em crianças do sexo masculino e também tem influência genética. As crianças dislexas apresentam algumas características como: leitura silabada, (lenta com trocas de letras), dificuldade na alfabetização, troca e omissões de letras na escrita, insegurança, baixo estima.

Estes alunos podem apresentar algumas ou várias das seguintes características (Nielsen, 1999, Torres e Fernández, 2001; Cruz, 2009 e Moura, 2011):

Na expressão oral:

- Têm dificuldade em selecionar as palavras adequadas para comunicar (tanto a nível oral, como escrito);
- Revelam pobreza de vocabulário;
- Elaboram frases curtas e simples e têm dificuldade na articulação de ideias;

Na leitura/escrita:

- Fazem uma soletração defeituosa (leem palavra por palavra, sílaba por sílaba, ou reconhecem letras isoladamente sem conseguir ler);
- Na leitura silenciosa, murmuram ou movimentam os lábios;
- Perdem a linha de leitura;
- Apresentam problemas de compreensão semântica (na interpretação de textos);
- Revelam dificuldades acentuadas ao nível da consciência fonológica, isto é, na tomada de consciência de que as palavras faladas e escritas são constituídas por fonemas;
- Confundem/invertem/substituem letras, sílabas ou palavras;
- Na escrita espontânea (composições/redações) mostram severas complicações (dificuldades na composição e organização de ideias).

Outras competências:

- Apresentam dificuldades em guardar e recuperar nomes, palavras, objetos e/ou sequências ou fatos passados: letras do alfabeto, dias da semana, meses do ano, datas, horários;
- Não conseguem orientar-se no espaço, sendo incapazes de distinguir, por exemplo, a direita da esquerda (o que dificulta a orientação com mapas, globos);
- Têm dificuldades nas disciplinas de História (em captar as sequências temporais), de Geografia (no estabelecimento de coordenadas) e Geometria (nas relações espaciais);
- Têm dificuldade na aprendizagem de uma segunda língua;
- Apresentam falta de destreza manual e, por vezes, caligrafia ilegível (Disgrafia);
- Poderão ter dificuldades com a matemática (Discalculia), sobretudo na assimilação de símbolos e em decorar a tabuada.

Então, a dislexia poderá está ligada a outras dificuldades específicas como: Disgrafia, Discalculia e Disortografia, pois muitas vezes crianças que apresentam dificuldades de leitura, também apresentam dificuldades na escrita. Para Fonseca (1999, apud MOURA 2011)

dislexia é uma “dificuldade duradoura” que surge em “crianças inteligentes, escolarizadas, sem qualquer perturbação sensorial e psíquica já existente”. A dislexia não está relacionada ao baixo nível intelectual, mas uma criança que apresenta este distúrbio pode apresentar padrões acima da média em outras áreas.

De acordo com Vieira (2008), as crianças com dislexia apresentam dificuldades em construir e desenvolver a leitura e a escrita, mas, apesar destas dificuldades, as crianças disléxicas apresentam intelecto normal ou até mesmo

superior e, por isso, podem se destacar em áreas que não dependem exclusivamente, dessas habilidades. Este distúrbio pode ser um obstáculo para a aprendizagem na medida em que impede o pleno desenvolvimento da leitura e da escrita.

Portanto, a dislexia é um distúrbio que se caracteriza por problemas no reconhecimento fluente de palavras, das habilidades de leitura, que não estão relacionados à idade mental ou o baixo nível de escolaridade.

4.2 Disgrafia

As crianças que apresentam dificuldades no ato motor da escrita com grafia ilegível são consideradas digráficas. Para Cinel (2003), disgrafia é a perturbação da escrita no que diz respeito ao traçado das letras e à disposição dos conjuntos gráficos no espaço utilizado. Relaciona-se, portanto, estas às dificuldades motoras e espaciais.

Segundo Ajuriguerra et al (1988) e Coelho (2012), crianças que apresentam disgrafia tem em comum algumas características como: macrografia (letra excessivamente grande), micrografia (letra excessivamente pequena), letras ilegíveis, grafismo com irregularidades, escrita rápida ou lenta, espaçamento irregular das letras ou palavras, erros ou borrões que podem impossibilitar a leitura da escrita, desorganização geral no texto e utilização incorreta do instrumento com que escrevem.

Para Coelho (2012), as crianças que são digráficas devem contemplar o conjunto ou quase a totalidade das condições supracitadas, além disso, é possível que sejam notados outros comportamentos relacionados a outras dificuldades específicas de aprendizagem.

Cinel (2003) traz como prováveis causas para o desenvolvimento da disgrafia, os distúrbios da motricidade ampla (saber orienta-se no espaço) ter consciência dos seus membros e da mobilização destes, a motricidade fina está relacionada ao pegar uma caneta ou lápis e (riscar, escrever, desenhar), a coordenação visomotora apresenta dificuldade para traçar linhas com trajetórias predeterminadas, a organização têmporo-espacial está relacionado à estrutura do espaço e do tempo, desobedecendo ao sentido correto de execução das letras e escrevendo fora das linhas.

Problemas de lateralidade e de direcionalidade podem ser causadas por perturbações do esquema corporal, pela má organização do próprio corpo em relação ao espaço ou por desarranjos de ordem afetiva e por fim o erro pedagógico pode estar relacionado a falhas no processo de ensino com estratégias inadequadas escolhidas pelos professores.

Portanto, crianças com disgrafia escrevem com desvio a norma padrão, contemplando uma caligrafia deficiente com letras mal elaboradas, como também está relacionado a um conjunto de fatores como na capacidade de compor textos e frases escritas evidenciando erros gramaticais, de pontuação dando origem a uma caligrafia “fraca” ou ilegível.

4.3 Discalculia

Para Jesus Andrade et al. (2013) o transtorno relacionado às habilidades matemáticas é conhecido como Discalculia palavra que provém do grego dis (mal) e do latim calculare (contar). A discalculia consiste na dificuldade para aprender ou entender conceitos numéricos (contagem e aritmética).

Filho (2007) afirma que discalculia trata-se de “uma desordem neurológica específica que afeta a habilidade de uma pessoa compreender números”.

Bastos (2006) relata que a dificuldade em matemática, conhecida como Discalculia, é um problema causado por má formação neurológica, que se manifesta como uma dificuldade da criança em realizar operações matemáticas, classificar números e colocá-los em sequência. Nas fases mais adiantadas da vida escolar, a Discalculia também impede a compreensão dos conceitos matemáticos e sua incorporação na vida cotidiana. Detectar o problema, no entanto, não é fácil.

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DMS IV 2002), a Discalculia é definida como uma incapacidade para a realização de operações aritméticas acentuadamente abaixo da esperada para a idade cronológica, a inteligência medida e a escolaridade do indivíduo. Este transtorno interfere significativamente no rendimento escolar ou em atividades da vida diária que exigem habilidades matemáticas. Bastos (2006) esclarece:

Diferentes habilidades podem estar prejudicadas no transtorno da matemática, incluindo habilidades linguísticas e perceptuais (por

exemplo, reconhecer ou ler símbolos numéricos ou aritméticos e agrupar objetos em conjuntos), habilidades de atenção (por exemplo, copiar corretamente números ou cifras, lembrar de somar os números “levados” e observar sinais de operação) e habilidades matemáticas (por exemplo, seguir sequências de etapas matemáticas, contar objetos e aprender as tabuadas de multiplicação) (BASTOS, 2006, p.202).

As crianças que tem déficit em aprender matemática apresentam alguns sinais como dificuldade para identificar contagem, não sabem identificar ou nomear os números, ou quantidade maior e menor, não compreendem os enunciados dos problemas, outros demoram muito tempo a perceber qual é a operação matemática e outros não conseguem concluir uma operação aparentemente simples.

Novaes (2007) nos diz que as dificuldades com a linguagem matemática são muito variadas em seus diferentes níveis e também complexas em sua origem. E isso se percebe desde o aprendizado básico como também mais tarde, na elaboração do pensamento matemático mais avançado.

Por isso a importância de estar sempre atento em sala de aula a qualquer sinal apresentados pelos alunos relacionados à discalculia, para diagnosticá-los e realizar atividades direcionadas aos mesmos para solucionar este problema.

4.4 TDAH

Segundo Barkley (2008), em 1902, George Still, pediatra inglês, apresentou o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), através das observações em alterações no comportamento de várias crianças, onde acreditava que esses comportamentos não estavam ligados a falhas educacionais, mas sim a algo biológico, que era muito difícil de diagnosticar.

De acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e problemas Relacionadas com a Saúde (CID-10, 2011), o TDAH está no grupo de transtornos caracterizados por início precoce, durante os cinco primeiros anos de vida, apresentando falta de perseverança nas atividades que exigem envolvimento cognitivo, e tendência a passar de uma atividade a outra sem acabar nem uma, associada a uma atividade global desorganizada, descoordenada e excessiva.

Borella (2002), afirma que o TDAH pode ser geneticamente, encontrado nos genes que codificam os sistemas que regulam a oferta de dopamina e serotonina,

hormônios, encontrados no corpo humano; como também os fatores biológicos, onde se destacam o uso do álcool, drogas e alguns determinados medicamentos durante a gestação pela mãe, nascimentos prematuros; hemorragias intracranianas e falta de oxigênio durante o parto; e ainda fatores ambientais que interferem no desenvolvimento psicológico e emocional, como conflitos familiares, transtorno mental nos pais, baixa condição socioeconômica, criminalidade por parte dos pais entre outros.

Antunes (2001) relata que hiperatividade é:

Condição infantil de atividade excessiva e, aparentemente, incontrolável. Muitas crianças que pais e professores normalmente rotulam de 'hiperativas' são apenas mais ativas que seus pais e professores foram ou desejariam que fossem. A hiperatividade somente se manifesta quando existem comprometimentos na manutenção da atenção para diferentes atividades. A criança que não apresenta atenção ao jogo, não revela distúrbio de atenção, típico da hiperatividade (ANTUNES, 2001, p. 127)

Para Rohde e Benczik (1999), a hiperatividade é um problema de saúde mental que tem três características básicas: a distração, a agitação e a impulsividade.

No grupo de hiperatividade e impulsividade os sintomas são:

Ficar remexendo as mãos e pés quando sentados; não parar sentado por muito tempo; pular na hora do diagnóstico; correr excessivamente em situações inadequadas ou ter uma sensação interna de inquietude; ser muito barulhento para jogar; ou divertir-se; ser muito agitado; falar demais; responder às perguntas antes de serem terminadas; ter dificuldade de esperar a vez; intrometer-se em conversas ou jogos dos outros (ROHD E BENCZIK, 1999, P. 39-40)

As crianças que apresentam essas características são diagnosticadas como hiperativas. Por isso, os educadores devem observar e identificar os sintomas, para planejar estratégias que possam ajudar o educando em seu processo de ensino aprendizagem. É necessário conhecer as características do TDAH, para não prejudicar as crianças que tem esse distúrbio, por esse motivo o diagnóstico deve ser concluído por um profissional da saúde, especialista na área.

5 O QUE É INCLUSÃO?

Nos dias atuais estamos vivenciando uma discussão sobre inclusão, respeito à diversidade, a garantia do direito e a participação de cada indivíduo na sociedade. Para Aranha (2002), inclusão significa afiliação, combinação, compreensão, envolvimento, continência, circunvizinhança, ou seja, inclusão significa convidar aqueles que de (alguma forma) tem esperado para entrar e pedir-lhes para ajudar a desenhar novos sistemas que encorajem todas as pessoas a participar da completude de suas capacidades como companheiras e como membros, ou seja, incluir aquele que de alguma forma teve seus direitos perdidos ou por algum motivo não os exercem.

Os direitos básicos do cidadão estão garantidos em vários documentos como a Constituição Federal de 1988, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9394/96) onde estabelecem as crianças com necessidades especiais o dever de estudar preferencialmente nas escolas regulares e que todos têm direito a educação.

A Declaração de Salamanca, aprovada em 1994, na Conferência Mundial de Educação Especial, a partir deste documento, a inclusão dos alunos com necessidades em classes regulares passou a ser considerada como a forma mais avançada de democratização das oportunidades educacionais.

A Declaração de Salamanca defende que:

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao desfrute e exercício dos direitos humanos. Dentro do campo de educação, isto se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram promover a genuína equalização de oportunidades (...). Ao mesmo tempo em que as escolas inclusivas prevêm um ambiente favorável a aquisição da igualdade de oportunidades e participação total, o sucesso delas requer um esforço claro, não somente por parte dos professores e dos profissionais na escola, mas também por parte dos colegas, pais, família, voluntários. A reforma das instituições sociais não constitui somente uma tarefa técnica, ela depende, acima de tudo, de convicções, compromissos e disposição dos indivíduos que compõem a sociedade. (UNESCO, 1994, p.5)

Como estabelece a Declaração de Salamanca (1994), a educação de qualidade para todos se refere à inclusão total, incluindo todos sem distinção, inserindo aqueles que antes eram excluídos como as crianças com necessidades educativas especiais.

Ainscow (1998), a inclusão representa uma filosofia educativa que promove a participação das crianças com necessidades educativas especiais em todos os aspectos da escola e da vida comunitária.

Socialmente a inclusão representa um ato de igualdade entre os diferentes indivíduos que vivem na sociedade. Esta ação permite que todos tenham o direito de participar das várias dimensões de seu ambiente, sem sofrer qualquer tipo de discriminação e preconceito.

A inclusão implica que todas as crianças tenham uma igualdade na educação e um ambiente propício para que possam desenvolver suas habilidades.

De acordo com a Declaração de Salamanca (UNESCO 1994):

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresente. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola. (UNESCO 1994, p. 11-12)

Quando nos referimos a Inclusão estamos falando de uma educação para todos sem distinção. Sanches (2001) relata que sejam eles de diferentes raças ou credos, etnias ou culturas, ricos ou pobres, com ou sem deficiência e outras, onde a qualidade e o sucesso de ensino sejam igual para todos.

Segundo Mantoan (2003), a prática da inclusão escolar pauta-se na capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes; é acolher todas as pessoas, sem exceção. É construir formas de interagir com o outro, que uma vez incluídas poderão ser atendidas as suas necessidades especiais.

Dessa maneira, inclusão é acolher todas as pessoas sem exceção, no sistema de ensino, independente de sua cor, classe social, condições físicas e psicológicas. A escola terá que suprir as necessidades de todas as crianças, apesar de ser uma tarefa bem difícil, pois são poucas as escolas que possuem recursos necessários para atender a todos igualmente.

6 QUAIS AS POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM DISTÚRBIOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM?

As dificuldades de aprendizagem e distúrbios de aprendizagem são uma das grandes preocupações dos pais e professores, pois afetam o rendimento escolar como também as relações sociais das crianças.

É papel da instituição promover uma maior inclusão do aluno que apresenta dificuldades ao restante da comunidade escolar, como também adaptar metodologias de ensino para que todos possam aprender, utilizando práticas ou instrumentos para contornar as dificuldades de aprendizagem.

Duarte (2000), apud (Tuleski e Eidt, 2007), defendem que o conhecimento científico deve ser apropriado por todos os membros da sociedade. Quando a escola não oferece tal apropriação, colabora para manutenção da ordem vigente, na medida em que o saber continuará sendo propriedade de uma determinada classe.

A relação de professor e aluno no processo de aprendizagem é de fundamental importância. Para Morales (2000), o modo como se dá a relação com os alunos pode incidir positivamente no aprendizado, como nas matérias apresentadas, como também na própria satisfação pessoal e profissional.

O relacionamento entre professor e aluno não deve ser limitado apenas pela seleção de conteúdo, sistematização didática em relação ao aprendizado, mas sim os professores devem ser mediadores para fazer com que os alunos superem suas limitações no processo de ensino.

Segundo Freire (1996), a percepção que o aluno tem do professor não resulta exclusivamente de como ele atua, mas também de como o aluno entende que ele atua.

Desta forma, o aluno se sente mais eficiente, através de métodos de motivação em sala de aula, despertando a curiosidade dos alunos e a vontade de aprender.

O professor deve ter consciência que o seu papel é de facilitar a aprendizagem, procurando sempre entender o aluno em sua totalidade como seus sentimentos e dificuldades para tentar levá-los a auto realização.

Segundo Freire (1996),

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996 p.96).

A relação professor/aluno depende de vários fatores como a empatia, a capacidade de ouvir, de refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos, como também deve buscar educar para mudanças, para autonomia e para formação de um cidadão consciente de seus deveres e responsabilidades sociais.

Assim, analisamos que a escola é responsável por promover a inclusão do aluno no ambiente escolar através de todos que faz parte dele desde o porteiro até a direção escolar, como também o professor que exerce o papel de facilitador onde procura adaptar a metodologia de ensino para que o aluno supere suas dificuldades, buscando a dinamicidade e inovação na sala de aula integrando atividades lúdicas e adotando ferramentas tecnológicas de apoio ao ensino. Dessa maneira o aluno é estimulado e desafiado a vencer suas limitações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as diferenças entre distúrbio e dificuldades de aprendizagem, podemos concluir que a aprendizagem é um processo dinâmico vivo e global que ocorre mediante a experiência prática como também o amadurecimento, esforço e capacidade do indivíduo através de estímulos e técnicas adequadas.

Assim, o ambiente que a criança vive deve ser organizado, bem planejado, apresentando uma boa harmonização e serenidade, pois o ambiente exerce muita influência na aprendizagem.

Algumas crianças matriculadas na escola apresentam certas dificuldades que as impede de acompanhar os ritmos da classe. A dificuldade de aprendizagem pode surgir a partir de problemas sociais, emocionais ou psicológicos, que podem ser problemas familiares, de saúde, de baixa estima, entre outros, que influenciam no desempenho das crianças, provocando algumas vezes desinteresse pelos estudos resultando ao baixo rendimento escolar, dependendo da mediação pedagógica.

No entanto, os distúrbios de aprendizagem são problemas neurológicos que afetam a capacidade da criança de processar ou analisar informações, dificultando a aquisição das habilidades de leitura, escrita e resolução de problemas matemáticos.

Os principais distúrbios de aprendizagem são explicados como: dislexia que é caracterizada pela dificuldade da decodificação, soletração e reconhecimento das palavras. A discalculia que consiste na dificuldade para entender ou aprender conceitos numéricos, princípios de contagem e na resolução de problemas envolvendo as operações matemáticas. A disgrafia acontece quando o aluno demonstra dificuldade na elaboração da linguagem escrita, uso incorreto de letras maiúsculas, minúsculas, alinhamento incorreto entre outras. A criança que apresenta o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDHA), não consegue se concentrar com muita facilidade, querendo realizar várias tarefas ao mesmo tempo, apresentando agitação e distração.

Observamos, portanto, que o Distúrbio de aprendizagem é neurológico, que acomete o sistema nervoso central. Já a dificuldade escolar, Ciasca afirma “que a criança que não aprende por ter um problema pedagógico, está relacionado à falta de adaptação ao método de ensino, à escola, ou que tenha outros problemas de ordem acadêmica”.

A inclusão está relacionada ao fato de todas as pessoas terem as mesmas oportunidades de modo igualitário independente de gênero, etnia, religião, classe social, condições físicas, psicológicas entre outras. A inclusão escolar garante aos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais a terem a mesmas experiências de aprendizagem nas escolas, em classes regulares de ensino.

A escola e o professor exercem um papel fundamental na inclusão das crianças com dificuldades e distúrbios de aprendizagem. A escola deve oferecer um ambiente favorável para que os alunos em sua totalidade se apropriem dos conhecimentos socialmente construídos, a raciocinar com lucidez e a construir projetos de vida. E o professor deve exercer um papel de mediador, facilitador da aprendizagem, diagnosticando, escutando, compreendendo, utilizando metodologias inovadoras, lúdicas adequadas para que os alunos superem suas dificuldades.

Portanto, o trabalho da educação assume um caráter de mais alta importância. É necessário conhecer as características, potencialidades, valores e desejos dos alunos, trabalhando suas necessidades para que haja uma interação com o meio de forma harmoniosa, auxiliando a sua integração socialmente, para que se torne um cidadão.

8 REFERÊNCIAS

AINSCOW, M. Necessidades Especiais na Sala de Aula. **Um guia para formação de professores**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, Edições UNESCO. 1998.

ANTUNES, C. Miopia da atenção: **problemas de atenção e hiperatividade em sala de aula**. São Paulo: Salesiana, 2001.

ARANHA, M.S.F. Integração social do deficiente: **análise conceitual e metodológica. Temas em Psicologias**, v.2, p. 63-70, 2002.

ARTMED. Classificação de Transtornos Mentais e de Doenças Comportamentais da CID-10 **descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. 2011. Disponível em ><http://pt.scribd.com/doc/23568387/CID-10-Classificacao-Dos-Transtornos-Mentais-e-de-Comportamento-OCR>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia - um diálogo entre a psicopedagogia e a educação**. 2. ed. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.

BARKLEY, R.A. **ADHD and the nature of self-control**. London: The Guilford Press. Berrios, G.E. (1996). The history of mental symptoms-Descriptive psychopathology since the nineteenth century, 1997.

BASTOS, J.A. Discalculia: **transtorno específico da habilidade em matemática**. In: ROTTA, N. T. Transtornos de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed,2006.

BORELLA, C.A.S. **O que é hiperatividade? Sintomas e Causas**. 2002. Disponível em <http://w.w.w.psicologosp.com/22013/10/o-que-e-hiperatividade-sintomas-e-causas.html>. Acesso em: 26 de abril 2019.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Diário oficial, nº 248, de 23/12/1996.

CIASCA S.M. ; ROSSINI S.D.R. Distúrbios de Aprendizagem: mudança ou não? **Correlação de dados de uma década de atendimento**. Temas sobre Desenvolvimento. 2000; 8(48) : 11-6.

_____. Diagnósticos dos distúrbios de aprendizagem em crianças: **análise de uma prática interdisciplinar** [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 1991.

_____. Distúrbios de aprendizagem e transtornos da atenção: algumas reflexões. **Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade**. - Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo: ABPp- Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2006.p. 237-243.

_____. Distúrbio de aprendizagem: **proposta de avaliação interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. Distúrbio de aprendizagem: **uma questão de nomenclatura**. Revista Sinpro, Rio de Janeiro, p. 4-8 outubro de 2003.

CINEL, B.N.C. Disgrafia: **prováveis causas dos distúrbios e estratégias para correção da escrita**, Revista do Professor, Porto Alegre, v. 74, n. 19, p. 19-25, 2003. Disponível em: <<http://w.w.w.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicasDIFICULDADE%20DE%20%APRENDIZAGEM/disgrafia.pdf>>. Acesso em : 19 de abril 2019.

COELHO, D.T. **Dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia**. Portugal. Porto: Areal Editores, 2012.

DE AJURIAGUERRA, J. A escrita infantil: **evolução e dificuldades**. Tradução de Iria Maria R. de Castro Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

DE JESUS ANDRADE, R. et al. Discalculia: Dificuldade de Aprendizagem Matemática. In: **VI Congresso Internacional de Ensino de Matemática**; 2013. Disponível em: <http://w.w.w.conferencias.ulbra.br/index.php/cien/view/1050>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

EIDT, N.M.; TULESKI, S.C. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: **Compreensão do Fenômeno a Partir da Psicologia Histórico-Cultural**. 2010. Disponível em: <http://w.w.w.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a07>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

EIDT, N.M.; TULESKI, S.C. **Repensando os distúrbios de aprendizagem a partir da psicologia histórico-cultural**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n.3, p. 531-540, set/dez.2007.

FILHO, C.R.C. **Jogos Matemáticos para estimulação da inteligência nos distúrbios de discalculia**. Disponível em: <http://w.w.w.webartigos.com/articles/2067/1/Jogos-Matemáticos-Para-Estimulaccediatildeo-Da-Inteligecircuncia-Nos-Distaucuterbios-De-Discalculia/pagina1.htm#ixzz1JnDUXM53>. Acedido a 22 de abril de 2019.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. Dificuldades de aprendizagem. **O papel do cérebro na aprendizagem. Cognição, neuropsicologia e aprendizagem: Abordagem neuropsicológica e psicopedagógica**. 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996. – coleção Leitura

HAMZE, Amélia. **O que é aprendizagem?** Em: <http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/o-que-e-aprendizagem.htm>> Acesso em: 16 de abril 2019.

LEFRÈVERE, A.B. (Coord.) **Disfunção Cerebral Mínima**. São Paulo: Editora Sarvier.1975.

MANTOAN, M.T.E; Incusão escolar: **O que? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.bb

MATIN, E. MARCHESI, A. **Desenvolvimento metacognitivo e problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

MORAES, Antônio Manoel Pamplona. Distúrbios de Aprendizagem: **uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Edicon, 1997.

MORALES, P. **A Relação Professor – Aluno**. São Paulo: Loyola, 2000.

MOURA, O. Portal da Dislexia. Acesso: <http://w.w.w.dislexia-pt.com>. Em: 22 de abril de 2019.

NIELSEN, L.B. **Necessidades Educativas Especiais na sala de aula**. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora. 1999.

NOVAES, Maria Alice Fontes. **Transtornos de aprendizagem**. 2007. Disponível em: <<http://w.w.w.plenamente.com.br/diagnosticos7.htm>>. Acesso em: 27 de abril 2019.

OLIVEIRA. Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PADILHA, Isley Aparecida. Dificuldades de aprendizagem – **Uma reflexão sobre a prática docente – Ensaio pedagógico**: Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET – ISSN 2175-1773, julho de 2012.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Piaget**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva, 25° Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ROESER, R.W., & ECCLES, J.S. **Schooling and mental health**. Em A. J. Sameroff, M. Lewis & S.M. Miller (orgs), Handbook of developmental psychopathology (pp.135-136). New York: Kluwer Academic/ Plenum Publishers, 2000.

ROHDE, L.A.P.; BENZIK, E.B.P. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: **O que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artes Médicas; 1999.

SÁ- SILVA, J.R.; ALMEIDA, C.D; GUINDANI, J.F. Pesquisa documental: **pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, n. 1, 2009.

SANCHES, T. **Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula**. Porto: Porto Editora. 2001.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: **primeiras aproximações**. 8ªEd. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

SMITH, Corinne & STRICK, Lisa. Dificuldades de aprendizagem de A a Z : **um guia completo para os pais e educadores**. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre. Artemed, 2001.

TELES, P. Dislexia: **Método Fonomímico – Abecedário e Silabário**. Lisboa. Distema. 2009.

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. **Dislexia, Disortografia e Disgrafia**, Amadora: McGraw – Hill. 2001.

UNESCO. **Declaração Mundial de Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as necessidades Básicas de Aprendizagem**. Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais, 06, 1994, Salamanca (Espanha). Genebra: Unesco, 1994.

VIEIRA, A.M.J. **Distúrbio de aprendizagem**. Dislexia.Rev. Coordenação Pedagógica, Belo Horizonte, n.2, v. 1, ago/dez, 2008.

VYGOTSKY, Le2v S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.